

ANUÁRIO PESQUISA E EXTENSÃO UNOESC VIDEIRA - 2026

INSERÇÃO NA COMUNIDADE: ANÁLISE PSICOSSOCIAL E TERRITORIAL COM
GRUPO DE JOVENS NO CRAS – VIDEIRA/SC

Autores: Maria Eduarda Ulbrich Plebani, Karenn Jozielly Sangaletti, Davi de Souza Machado, Márcia Aparecida Tibes dos Santos, Caroline Pinz e Nicoli Lazzari, Acadêmicas (os) do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC.

Orientador: Giancarlo de Aguiar, Psicólogo, Docente do Curso de Graduação de Psicologia da UNOESC. Doutor em Filosofia da Cultura (FLUL), Pós-doutorado em Psicologia Socioambiental (IP.USP).

RESUMO

O presente relatório expõe a análise técnica da visita de observação realizada por acadêmicas de Psicologia no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Videira/SC. A atividade focou-se no acompanhamento de um grupo de adolescentes (13 a 16 anos) inseridos no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Através da técnica de registro cursivo e entrevista com o facilitador, buscou-se compreender a relação entre o histórico territorial e o fenômeno do desamparo aprendido. As observações revelaram indicadores de ansiedade e estratégias de defesa nos jovens, enquanto o manejo técnico destacou-se pela despatologização da pobreza e fortalecimento de vínculos, evidenciando o papel do psicólogo como agente de transformação social no SUAS.

1. Introdução

A visita técnica de observação foi realizada no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Carli, em Videira/SC, unidade responsável

pela Proteção Social Básica do SUAS. O foco foi o acompanhamento do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) com adolescentes de 13 a 16 anos. A prática buscou integrar a teoria da Psicologia Social com a realidade de vulnerabilidade e resistência no território, visto que "uma boa compreensão do desenvolvimento e do comportamento na adolescência não pode omitir os contextos nos quais vivem os jovens" (CLOUTIER; DRAPEAU, 2008, p. 13). Assim, a análise foca na compreensão das subjetividades juvenis em contextos de risco.

2. Contexto Histórico e Territorial

A assistência social em Videira é marcada pelo realojamento de famílias após a enchente de 1983. O bairro Vila Verde originou-se deste desastre, onde "cabanas verdes" provisórias tornaram-se habitações permanentes, consolidando uma precariedade habitacional geracional.

3. Análise da Estrutura Física e Ambiência

A unidade dispõe de uma sala de atividades de aproximadamente 48 m², caracterizada por suas paredes brancas e iluminação composta por seis lâmpadas. A segurança e a ventilação do espaço são delimitadas por quatro janelas externas equipadas com grades, além de uma janela interna com uma pequena bancada que faz a integração visual com a cozinha (guarnecida com uma geladeira) e ar condicionado. O mobiliário é composto por uma mesa comprida de madeira, três mesas de plástico brancas e treze cadeiras. O espaço conta ainda com televisão digital. Quanto à circulação, a sala possui três portas: a de acesso principal, uma para o almoxarifado próprio da sala e uma terceira que se conecta à sala da motorista.

4. Metodologia

Utilizou-se a Observação Sistemática com registro cursivo estruturado das interações. Como ferramenta complementar, realizou-se uma entrevista de roteiro flexível com o facilitador Hygor. A interpretação dos dados resultou do cruzamento entre os achados de campo e o suporte bibliográfico. 5. Relatos Detalhados de Observação (Dados de Campo)

5. Análise das Dinâmicas e Comportamento Grupal

A etapa prática da observação foi estruturada em dois momentos principais conduzidos pelo facilitador Hygor.

5.1 Dinâmica de Grupo e Início (Registro: Maria Eduarda Ulbrich Plebani)

O facilitador sinalizou para que o grupo se posicionasse para a dinâmica dos passos. As atividades consistiam em perguntas proferidas pelo técnico; para cada afirmação condizente com sua realidade, o adolescente deveria dar um passo à frente. Quem atingisse a parede retornaria ao local de início. A atividade visou materializar visualmente as trajetórias de vida e as desigualdades de oportunidades enfrentadas pelos jovens do território.

5.1 Registro Cursivo: Adolescente S1 (Observação: Caroline Gabriele Pinz)

S1 posiciona-se na extrema esquerda de uma linha composta por oito usuários. Mantém as mãos cruzadas dorsalmente, alterando a postura para braços cruzados sobre o peito enquanto fixa o olhar no facilitador. Solta os braços com expressão neutra e avança conforme as perguntas da dinâmica. Ao longo da demonstração, quando questionada sobre não acordar com o despertador, desloca-se um passo à frente, assentindo com a cabeça e elevando discretamente os cantos dos lábios.

Iniciada a dinâmica oficial, na pergunta sobre a família conversar quando está triste, S1 permanece no lugar, olha para cima e realiza o ato de coçar a nuca. Na afirmação sobre o cuidado de irmãos, desloca-se um passo à frente com expressão facial neutra. Ao ouvir que pode pedir ajuda para um adulto, movimenta-se gradualmente para frente e eleva os cantos dos lábios. Na questão sobre ter um lugar tranquilo para estudar, permanece na posição, cruza os braços e tensiona os lábios, inclinando a cabeça de modo que o cabelo cubra parcialmente o rosto.

Na sequência, sobre dificuldades por falta de material, S1 endireita a cabeça e avança ainda com os braços cruzados. Ao ouvir sobre incentivo familiar, desloca-se para frente e posiciona os braços atrás do corpo. Diante da afirmação sobre segurança no território, permanece na mesma posição e toca a bochecha. Sobre o medo de violência, S1 avança, arqueia as sobancelhas e tensiona os lábios, unindo as mãos à frente com movimentos

repetitivos. Na questão sobre atividades extracurriculares, sorri e pressiona os dedos da mão direita contra a palma esquerda.

Ao final da dinâmica, os adolescentes sentam-se em linha. S1 ocupa a primeira cadeira, balança constantemente a perna esquerda e realiza fricções entre os dedos sobre o colo, apresentando postura relaxada. Durante a explicação técnica sobre a largada na vida, S1 apoia os braços na cadeira, realiza movimentos incessantes com as mãos e balança a perna direita. Na atividade de grupo, S1 organiza uma mesa de plástico e sugere ideias de resposta articulando as palavras de forma clara. Ao preencher a folha sobre situações de vulnerabilidade, escreve rapidamente e avisa: “facilitador, acabei”. Ao ter a folha recolhida, diz “logo a minha” com um sorriso momentâneo. No encerramento, amassa o papel, entrega-o ao técnico e participa do jogo de baralho com expressão neutra até a despedida.

5.3 Registro Cursivo:

Adolescentes S3 e S4 (Observação: Davi de Souza Machado)

S3 e S4 posicionam-se em uma mesa próxima às cadeiras. S3 sorri e retoma a expressão neutra ao receber o material de apoio. Durante a tarefa, permanecem em silêncio; S4 observa o facilitador enquanto boceja e esfrega a mão no braço, enquanto S3 apoia os braços sobre a mesa. O facilitador posiciona-se de joelhos no chão para equalizar a altura do diálogo durante a explicação. Ao receber a lista de vulnerabilidades, S3 encara o papel com sobrancelhas franzidas e pés cruzados, enquanto S4 mantém o cotovelo apoiado na mesa.

S3 apresenta sinais de inquietude motora, batendo o pé no chão de maneira ininterrupta ao utilizar o dispositivo móvel autorizado. Ambos sorriem ao compartilhar conteúdos no celular. S4 demonstra sinais de tensão ao roer as unhas e cruzar os braços enquanto observa o ambiente. S3 mantém a postura, inclinando o tronco para frente para comunicar-se com o colega.

Na fase de convivência, S3 organiza as cartas de um baralho de truço. O facilitador amplia a área de atividade unindo mesas de plástico para uma partida de pingue-pongue improvisada. S4 acompanha fixamente o placar, contando os pontos com os dedos. S3 vence a partida após suspirar fundo e

comentar sobre o resultado. S4, com o tronco inclinado, queixa-se da derrota com o par. Ao final, o técnico integra-se ao jogo e S3 assume postura de observação até o encerramento do encontro.

5.4 Registro Cursivo: Adolescente S5 (Observação: Maria Eduarda Ulbrich Plebani)

O S5 senta-se à mesa, realiza ajustes constantes no boné, cruza os pés e apoia-se na mesa, apresentando movimento oscilatório constante nos pés. Diante da explicação sobre vulnerabilidades, inclina-se sobre o braço direito na cadeira. Permanece em silêncio absoluto após o facilitador mencionar a ausência de culpa individual pelas adversidades sociais. Ao concluir a atividade escrita, amassa o papel e o lança ao lixo. Com o início do jogo de baralho, interrompe o movimento das pernas, coça a testa e manuseia as cartas até o encerramento.

5.5 Registro Cursivo: Adolescente S6 (Observação: Karenn Sangaletti)

S6 encontra-se sentada ao canto da sala, ao lado da porta, posicionada de forma segregada em relação aos demais colegas. Mantém a mão no queixo, alternando o olhar entre o monitor com slides, o solo, os pares e o facilitador, apresentando maior fixação visual no chão e expressão facial neutra. Ao ser proposta uma nova atividade, desloca a cadeira lateralmente, aproximando-se de uma escrivaninha de apoio. Após o facilitador posicionar uma mesa à sua frente, S6 coloca um copo plástico sobre ela, recebe o material impresso e inicia a observação. Na sequência, apoia a folha na superfície e inicia a escrita, interrompendo o ato para observar a TV, realizando movimentos labiais sem emissão sonora. Retoma a escrita e realiza pausas mantendo a mão no queixo com o instrumento de escrita em mãos. Ao receber nova folha, executa a leitura e alterna o olhar entre o conteúdo digital, os colegas e o material físico.

Em um segundo momento, ergue a cabeça mantendo a caneta na mão direita enquanto observa a TV, entrelaça as mãos e, posteriormente, posiciona a mão esquerda sobre a boca como barreira. Sorri brevemente diante da entrada de uma terceira pessoa na sala, cessando a expressão em seguida para retomar a leitura e a movimentação labial silenciosa. Encosta-

se na cadeira, manuseia a folha e passa a segurar o dispositivo móvel (celular) na mão esquerda.

5.2 Registro Cursivo Adolescente S7 e S8 (Observação: Marcia Tibes e Nicolli Lazzari):

Ao adentrarmos ao recinto, os usuários já se encontravam acomodados. O facilitador iniciou a dinâmica convidando o grupo à participação, momento em que foi possível realizar a caracterização inicial: S7, moreno e alto, trajava calça jeans preta, camiseta preta e chinelos; S8 vestia calça tactel azul marinho, camiseta preta e tênis escuros. Ambos foram posicionados ao fundo da sala para a "dinâmica dos passos", onde deveriam avançar conforme as vivências de vulnerabilidade questionadas. Durante a atividade, S7 manteve as mãos na cintura, enquanto S8 permaneceu com as mãos para trás. Ambos completaram o trajeto até a parede, retornando ao ponto inicial conforme a instrução técnica.

Após a dinâmica, ao sentarem-se em cadeiras adjacentes, observou-se que S7 cruzou os braços e apresentou movimentos oscilatórios constantes na perna esquerda (inquietação motora). S8 manteve as pernas abertas, posicionando a mão sobre a boca e, posteriormente, cruzando as pernas. Na transição para a atividade teórica, S7, S8 e um terceiro colega agruparam-se em uma mesa. Diante da tarefa de registrar situações de vulnerabilidade, S7 contou com o auxílio do facilitador, focando em questões de subsistência financeira. S8 ausentou-se brevemente e retornou à sala.

6. ANÁLISE DA ENTREVISTA E MANEJO TÉCNICO (FACILITADOR HYGOR)

Esta seção apresenta a síntese da entrevista semiestruturada realizada com o psicólogo e orientador de grupo Hygor, articulando as perguntas do pré-projeto com as novas frentes de investigação que surgiram durante a prática.

6.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA E MANEJO TÉCNICO

A entrevista semiestruturada com o facilitador Hygor permitiu compreender que a realidade do território de Videira/SC é indissociável da prática profissional no CRAS. Historicamente, bairros como a Vila Verde surgiram de abrigos provisórios após a enchente de 1983, consolidando uma

precariedade habitacional que atravessa gerações. No bairro Oficina, a vulnerabilidade é agravada pela influência do tráfico, o que gera nos jovens uma normalização da criminalidade e o desenvolvimento do desamparo aprendido, a crença de que sua condição social é imutável. Diante disso, o manejo técnico diferencia-se da clínica tradicional ao focar nas causas sociais e na garantia de direitos, utilizando a horizontalidade (como o ato de agachar-se para falar ao nível do jovem) e elementos da cultura digital (Roblox, gírias) para criar vínculos. A estrutura do SUAS na unidade opera de forma multidisciplinar, servindo como porta de entrada (Proteção Básica) para prevenir violações de direitos, utilizando o vínculo afetivo e o acesso a benefícios eventuais da LOAS como ferramentas de transformação e despatologização da pobreza.

7. CONCLUSÃO

A inserção prática no CRAS de Carli revelou que a atuação com adolescentes exige uma sensibilidade aguçada para além do discurso verbal. Através das atividades realizadas, como a dinâmica dos passos e as tarefas de reflexão, observou-se que a vulnerabilidade pode aparecer em microposturas, como o balanço rítmico das pernas e o uso estratégico do celular como escudo social, revelando defesas de sujeitos que habitam territórios estigmatizados. Segundo a perspectiva de Cloutier e Drapeau (2008, p. 55), o comportamento só pode ser compreendido em seu contexto; assim, o desamparo aprendido e as reações corporais surgem como reflexos do ambiente em que o adolescente está inserido. Embora a estrutura física da unidade apresente limitações, o CRAS consolida-se como um ponto de refúgio necessário. O papel do psicólogo mostra-se fundamental.

Referências

BRASIL. Lei nº 8.742/1993. Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS).

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. Política Nacional de Assistência Social (PNAS), 2004.

CLOUTIER, Richard; DRAPEAU, Sylvie. Psicologia da adolescência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DANNA, Marilda Fernandes; MATOS, Maria Amélia. Aprendendo a observar: uma introdução. 2. ed. São Paulo: EDICON, 2011.

ROVER, Ardinete; MELLO, Regina Oneda. Normas da ABNT: orientações para a produção científica. Joaçaba: Editora Unoesc, 2020.

SELIGMAN, M. E. P. Helplessness. San Francisco: Freeman, 1975.

Imagens relacionadas
Fachada do Cras de Carli



Fonte: Google Maps

Sala de convivência e detalhe das janelas com grades



Fonte: Acadêmica Maria Eduarda Ulbrich Plebani

Estrutura sala de convivência I



Fonte: Acadêmica Maria Eduarda Ulbrich Plebani

Estrutura sala de convivência II



Fonte: Acadêmica Maria Eduarda Ulbrich Plebani

Mobiliário com a integração com a cozinha



Fonte: Acadêmica Maria Eduarda Ulbrich Plebani

Cozinha integrada ao lado do monitor



Fonte: Acadêmica Maria Eduarda Ulbrich Plebani